

O sentido do trabalho

Buscar as verdadeiras razões para o que se faz no trabalho é mais do que uma questão filosófica: é um bom exercício de gestão pessoal e coletiva.

Udo Simons



Danilca Galdini: o ponto mais importante mesmo é o autoconhecimento. Toda carreira baseia-se no que temos de bom (foto: Adriano Vizoni)

Alguns peixes se cumprimentam. Enquanto vão de um lado para outro do aquário, observam que, numa das mesas do restaurante em que estão, um companheiro deles acaba de surgir em um prato, pronto para ser devorado por um cliente. Diante da cena, um dos peixes resolve fazer uma pergunta: "Para que tudo isso?". É com esse questionamento (e com essa cena) que começa *O sentido da vida* (*The meaning of life*), terceiro filme do grupo inglês Monty Python, lançado em 1983. Ao contrário dos filmes anteriores da trupe, este não apresenta uma história com começo, meio e fim - no sentido, digamos, mais comum. Por meio de sketches, o grupo tenta traçar a razão de existirmos na face da Terra, apresentando as diversas etapas da vida humana, desde o nascimento até a morte - numa espécie de começo, meio e fim, mas de uma forma um tanto anárquica como a vida pode parecer ser.

Nessa busca eterna pelo propósito da vida, o sentido do trabalho, também, é uma questão fundamental às pessoas, ainda mais quando se vivencia um momento de turbulências financeiras em alguns mercados e de mudanças cada vez mais aceleradas. E nesse cenário é cada vez mais urgente a procura por um trabalho com mais significado, como revela o consultor Dan Miller. No livro escrito por ele, **"Segunda-feira nunca mais"** (Editora Fontanar), fica claro que no mundo atual, não podemos simplesmente nos dar ao luxo de aparecer para trabalhar numa companhia, bater ponto e esperar sermos pagos pelo nosso tempo. "Muitos de nós fomos educados para

acreditar que tudo o que precisamos fazer para chegar ao sucesso e à segurança é completar os estudos, arranjar um emprego na empresa certa, trabalhar uns 35 anos e esperar pelo tradicional relógio de ouro", escreveu. "Mas esses dias pertencem ao passado. No volátil mercado de trabalho de hoje, um emprego dura em média 3,2 anos. Empresas desmontam planos de pensão, cortam benefícios como planos de saúde e trocam o relógio de ouro pelo bilhete azul."

Isso não significa dizer que o mercado se tornou uma espécie de inferno ou que estamos condenados à uma vida de mediocridade financeira e a condições de trabalho de estraçalhar a alma. Isso significa dizer, segundo Miller, que precisamos mudar a maneira como pensamos nossos empregos. Ou, para outros, encontrar o sentido do trabalho. "Dada a quantidade de tempo que passamos trabalhando, a incapacidade de encontrar um trabalho com significado e com um propósito não é um leve passo em falso numa vida de outra maneira cheia de realizações; é um tipo mais profundo de fracasso, que pode fazer você se sentir todo o dia como um morto-vivo", ressalta Miller. "Não é de surpreender que, freqüentemente, escolhamos diminuir a importância do trabalho, reduzindo-o a um mal necessário cuja finalidade é nos fornecer um contracheque. Um trabalho que nos realiza, um trabalho que integra os nossos talentos com as nossas paixões, um trabalho feito com um propósito valioso sempre foi sinal de maturidade e sabedoria interior e exterior", completa Miller, na introdução do livro.

Sabedoria em reconhecer

"Faço sapatos e descubro, agora, que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros" - essa frase foi dita ao educador Paulo Freire, que a utilizava para exemplificar os ganhos com a educação na vida das pessoas. Com ela, ele exemplificava a transformação de um "homem-coisa" em "homem-sujeito" pelo acesso à aprendizagem formal. Mas dessas sábias palavras podemos tirar outras lições. Uma delas diz respeito à importância do trabalho. Elas nos ajudam a refletir sobre o que ganhamos com ele - e não é apenas algo medido em valores monetários.

"Emprego é fonte de renda. Trabalho é fonte de vida", adianta o filósofo e escritor Mário Sergio Cortella. O que nos motiva a pegar no batente, todos os dias, segundo ele, é nossa capacidade de identificação com a importância do que fazemos. "Por isso, nos tempos atuais, deseja-se o reconhecimento [das nossas atividades profissionais]; e tê-las como importantes, com valor positivo" reflete. Nos "tempos atuais" a que Cortella se refere, parece existir certa exaustão dos empregados em relação ao trabalho. "E muitas vezes, neste momento, eles ficam anônimos, se perdem, o que produz um grande desânimo, levando-os ao desalento", enfatiza. E anonimato, nessa história, é o mesmo que falta de reconhecimento. O problema de não ter o trabalho reconhecido (que reforça o sentido dele) é grave, uma vez que, em geral, só conseguimos pensar sobre nós mesmos a partir dos outros. "Eu só sei que algo que faço é bom quando alguém, comigo, é capaz de apreciar, elogiar", pondera Cortella.

O reconhecimento como uma das bases do sentido do trabalho também é algo destacado por Patrícia Próspero, diretora regional de recursos humanos para a América Latina da Zurich

Seguros no segmento de Seguros Gerais: "Quanto mais você fizer uma atividade, exercer corretamente sua função, maior vai ser a sua recompensa. E assim, o sucesso é externado e percebido pelos outros, causando no indivíduo prazerosa sensação de bem-estar."

Para ela, o trabalho consegue atingir três planos: físico, mental e espiritual. "O primeiro é a questão de agirmos visando atender aos nossos anseios perante a sociedade: é por meio do dinheiro conquistado a partir do trabalho que materializamos nossos sonhos, adquirindo bens, pagando contas, carro, viagens", diz a executiva. Já o plano mental foca o aprendizado contínuo: você é exposto a novos desafios que o estimulam a se aprimorar na função que você exerce em uma empresa. O espiritual, por sua vez, é a grande realização pessoal, segundo Patrícia. "E vejo que é o principal fator dos pilares que sustentam os motivos pelos quais trabalhamos."

Além do reconhecimento, outro pilar do sentido do trabalho é o conhecimento, aqui entendido para dentro e para fora do indivíduo. Em outras palavras: o autoconhecimento e o conhecimento criado por uma relação de transparência com os demais (sejam pessoas e instituições). Neste último caso, primar por uma comunicação clara e verdadeira, sem cinismos e hipocrisias, ajuda a pessoa a descobrir se naquela companhia está o trabalho com o qual ela vai se sentir plenamente realizada. "Num mercado em aquecimento, em que várias instâncias possuem mais vagas do que pessoas dispostas a ocupá-las, um dos critérios de adesão ao emprego é a veracidade daquilo declarado pela empresa como valor em relação aos seus funcionários", pontua Cortella. Se essa relação não for transparente, todos perdem, como alerta o filósofo.

Benefícios de ter um propósito

Quando o trabalhador enxerga em suas atividades importância e valor para ele, para a vida das pessoas que o cercam e sabe que a empresa tem a mesma compreensão, há maior vitalidade mental e corporal por parte dele. "Há maior dedicação", acrescenta Cortella. E há bons resultados. Para o filósofo, quando as corporações são capazes de produzir continuamente esse reconhecimento e indicar às pessoas qual é a missão, de fato, das atividades executadas, elas obtêm ganhos de produtividade, lucratividade e competitividade superiores as demais. E não é preciso ir muito longe para comprovar que esse investimento no capital humano traz resultados. Na verdade, basta irmos até a Harvard Business School, onde leciona a professora de negócios Cynthia Montgomery.

OBSERVAÇÃO:

*Este bom artigo de Udo Simons, dentro do portal MELHOR - a revista oficial da ABRH – Nacional continua em +3 links seqüenciais além do citado abaixo : <http://revistamelhor.uol.com.br/educacao-saude/285/artigo226813-2.asp> , ou seja, coleí as duas primeiras partes do artigo num DOC e gerei o atual PDF para o Post. Mas, em respeito, ao portal da ABRH vou deixar que cada um navegue neste e nos demais temas interessantes que identifiquei. **Parabéns a ABRH - Nacional !!!***